MENSAGEM DO SECRETÁRIO-GERAL

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE QUÍMICA NA DÉCADA DE 80

A. Romão Dias
Secretário-geral da S.P.Q.

Durante os últimos anos a SPQ teve alguma actividade. Muito mais deveria ter sido feito mas isso não aconteceu. Dado que a SPQ não é mais do que o conjunto organizado dos químicos portugueses poderemos dizer que as limitações verificadas na actividade da Sociedade podem ser imputadas a todos os seus sócios e também aos órgãos directivos que não conseguiram um maior poder de mobilização. Uma sociedade nacional de química, embora possa e deva ter uma certa função de liderança, é necessariamente um espelho da sua comunidade científica. Numa sociedade moderna a dimensão e dinamismo desta comunidade dependem geralmente da dimensão e dinamismo da indústria química nacional. Temos de concordar que também neste aspecto a situação portuguesa, com uma indústria química sem qualquer criatividade, não é encorajadora. Esta análise da situação presente só é importante na medida em que nos ajuda a perspectivar o futuro.

Portugal pretende estreitar os seus laços com o resto da Europa e ultrapassar a situação de país permanentemente em vias de desenvolvimento. Muitas das estruturas nacionais terão de se modernizar para fazer face a esta situação e a SPQ não é excepção.

Quais são então, em minha opinião, as linhas mestras segundo as quais a SPQ tem de evoluir nos próximos anos?

A SPQ atingiu uma dimensão em que já não pode ser gerida de uma forma amadora. Para além dos órgãos directivos tradicionais e de um funcionário para o trabalho de rotina precisamos de um Secretário, a tempo inteiro, para a gestão corrente da Sociedade. O perfil desejado é o de um licenciado em Química ou área afim, com conhecimento de Química, com o interesse e a dedicação por estas tarefas que torne possível o funcionamento efectivo dos órgãos directivos tradicionais o qual terá sempre de se basear no esforço desinteressado e na «carolice». A limitação para este tipo de solução tem sido apenas a natureza económica. Esperamos que o Encontro Anual de 1981 (ver pág. 23) quebre o tradicional ciclo vicioso da pobreza e permita à SPQ enveredar por uma estrutura muito mais eficiente.

As Divisões — Educação, Química Analítica, Termodinâmica, Nomenclatura, Química Industrial, etc.,

— nunca funcionaram na realidade. Elas são, porém, essenciais para o funcionamento sectorial da Sociedade tanto a nível nacional como internacional (por exemplo, na ausência de uma Divisão de Educação e quando se torna necessário nomear um representante da SPQ à IUPAC ou à Federação Europeia das Sociedades de Química, o Secretário-geral procura à sua volta, entre os seus conhecidos, uma pessoa para nomear). Para ultrapassar esta situação é **indispensável** a colaboração dos sócios. Basta haver algumas pessoas interessadas e activas para ser possível, com o apoio das estruturas da Sociedade, criar e pôr a funcionar as várias Divisões. Depois disso a dinâmica de cada Divisão vai depender dos seus membros. Não se esqueçam de que quando acusarem a Sociedade de, por exemplo, não ter uma Divisão de Química Analítica e de não organizar encontros sobre Química Analítica eu só poderei responder o seguinte: os químicos analíticos portugueses ainda não o quiseram. A direcção da SPQ pode ajudar mas não se pode substituir aos seus sócios.

A participação dos químicos industriais (e aqui incluo os licenciados em Química e em Engenharia Química) na vida da SPQ tem sido extremamente reduzida. Isto deve-se, talvez, ao facto de os motores da Sociedade terem sido tradicionalmente universitários (e agora, também, professores do secundário) e haver um divórcio histórico, mas altamente pernicioso, entre a Universidade e a Indústria. Seria fastidioso discutir onde estão as culpas; elas encontram-se necessariamente em ambos os lados. O que é fundamental compreender é que a actividade química de um país começa no ensino (já ao nível do secundário), passa pela investigação e culmina na produção industrial; só uma forte interacção entre estes três aspectos pode fortalecer cada um deles. Só por si este tema merece vários longos artigos, mas não é esta a altura oportuna. Tudo o que posso dizer é que as direcções da SPQ, presentes e futuras, devem fazer todos os esforços para ultrapassar este divórcio absurdo e suicida: devem tentar incrementar as participações de químicos industriais nos encontros anuais e nos vários órgãos de gestão da SPQ, devem organizar encontros sobre a indústria química, devem cativar sócios colectivos e organizar outras actividades que interessem à indústria. É, porém, indispensável que a indústria

SÓCIOS CUJAS MORADAS SE ENCONTRAM DESACTUALIZADAS:

Pede-se o favor de contactarem a sede da S.P.Q. em Lisboa URGENTEMENTE.

— Arminda A. Mariano Simões
R. Dr. António José de Almeida, 2-3.º Esq.º
2830	— Belmiro Santos Pereira
R. das Forças Armadas, 2-r/c., Dt.º
7800 BEJA	— Carlos A.C. Gonçalves
AV.ª Patrão Joaquim Lopes
n.º 12, r/c., Dt.º
1200 LISBOA
— Prazeres C.C. Osório de Sá
Rua da Estrema, 18-3.º D
8600 LAGOS	— M.ª Amélia Duarte de Almeida
Av.ª Bons Amigos, Lote 12, 7.º-Porta 6
LISBOA	— M.ª da Graça Machado S. Pereira
R. 25 de Abril, 6 c/v., Dt.º
7800 BEJA
— M.ª Margarida C.P. de Araújo
R. Coelho da Rocha, 211-2.º Dt.º
3000 COIMBRA	— M.ª Josefina Calapez
Av.ª Manuel da Maia, 22-4.º Dt.º
1000 LISBOA	— M.ª da Glória Giestas
R. Alexandre Herculano, 510
3500 VISEU
— M.ª do Carmo O.S. Solva Paliteiro
R. da Tapada, 47-2.º Esq.º
6200 COVILHÃ	— Ângela M.ª F. Fernandes
Rua Diogo Macedo, 3
1600 LISBOA	— Arminda A. Mariano Samões
R. Dr. António José de Almeida, 2-3.º, Esq.º
2830 BARREIRO
— Carlos A. Silva Paliteiro
R. da Tapada, 47-2.º Esq.º
6200 COVILHÃ	— António M. Bastos Baptista
R. Afonso Henriques, 4029
Águas de Santa Maia
4470 MAIA	— Teresa Maria Carvalho
Escola Industrial e Comercial das
2500 CALDAS DA RAINHA

reconheça que a SPQ lhe pode prestar um contributo importante e que o fará se todos os sectores da actividade química em Portugal colaborarem. As traves de marfim, onde quer que se encontrem, sempre serviram para disfarçar a mediocridade.

A actividade editorial da SPQ tem-se reduzido à publicação (irregular) da Revista Portuguesa de Química e, mais recentemente, de um Boletim. A Revista tem sido um problema e ainda não está em dia. Apenas vos posso dizer que a minha apreciação diária do esforço desenvolvido pelos editores me dá a confiança que as batalhas contra as tipografias (e, por vezes, contra os autores e «referees») será vencida e que, em breve, teremos uma Revista que sai e publica os artigos com um atraso aceitável pelos padrões das revistas internacionais. Ingenuamente fiz anteriormente promessas a este respeito que não se cumpriram; a evolução recente, que é patente para todos os sócios, torna-me mais confiante.

Embora sejamos poucos, se cada químico activo em Portugal enviar um artigo por ano para a Revista nunca nos faltará material. A divulgação e o prestígio da Revista Portuguesa de Química dependerá do número e da qualidade dos artigos que para lá enviarmos. Creio que o Boletim veio suprir uma falta sentida pela comunidade portuguesa. É evidente que pode melhorar e diversificar-se. Para tal é necessária a colaboração de todos. Os nossos cientistas são tão superiores que não podem escrever artigos de divulgação e de actualização para o Boletim? Os químicos industriais não têm nada de interessante a dizer sobre a sua indústria? Os nossos químicos (industriais, universitários, professores do secundário) não têm questões, opiniões, dúvidas, críticas a que queiram dar expressão numa secção de correspondência? Será que somos todos muito envergonhados ou estaremos todos desinteressados e apáticos? A actividade editorial da SPQ tem de expandir-se. É preciso publicar livros (originais ou traduções), material didáctico (escritos, slides, fitas gravadas) e, sobretudo, monografias para professores. Há alguns anos encomendei várias monografias; até agora não apareceram. Eu também sou culpado, mas será necessário que o secretário-geral da SPQ seja o primeiro a apresentar uma monografia? O desafio está lançado. Qualquer sugestão e/ou oferta de produção de um texto será bem recebida.

Na sua estrutura presente a SPQ é apenas uma sociedade científica e não uma associação profissional. Sem pretendermos de forma alguma interferir no âmbito de acção dos órgãos sindicais, mas podendo colaborar com estes, creio que a SPQ se pode tornar também um órgão profissional* essencialmente definindo padrões de qualidade na actuação dos praticantes da Química em todas as suas esferas de actuação. Para além do mais a proximidade da integração europeia impõe esta tarefa: a SPQ terá de dialogar com as suas congéneres estrangeiras neste e noutros domínios; as solicitações já existem. É evidente que, para este propósito, a colaboração com a Ordem dos Engenheiros é indispensável.

Resumindo diria o seguinte: a SPQ está activa; essa actividade reflecte um crescente dinamismo da comunidade química portuguesa, que tem tomado expressão clara nos encontros anuais da nossa Sociedade. Para desempenhar cabalmente as suas funções a SPQ precisa de intervir mais activamente na vida química em Portugal, sendo o seu espelho mas exercendo também uma acção actualizadora. A década de 80 vai exigir mais aos químicos portugueses e a SPQ deve intervir activamente nesse processo. Para isso precisa evoluir nos seguintes aspectos:

- 1) Profissionalização e eficiência na sua gestão;
- 2) Maior participação dos sócios na vida corrente da Sociedade;
- 3) Desenvolvimento sectorial através do fomento das Divisões;
- 4) Muito maior interacção com a indústria;
- 5) Incremento na actividade editorial;
- 6) Funcionamento também como órgão profissional.

Em grande parte as linhas de evolução propostas só serão possíveis com uma participação muito mais activa de um número crescente de sócios.

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE QUÍMICA É VOSSA! O SEU AVANÇO OU A SUA MORTE ESTÁ NAS VOSSAS MÃOS.

* Veja-se a recente fusão da Chemical Societal com o Royal Institute of Chemistry na Royal Society of Chemistry.